



O SCAPERROOM PEDAGÓGICO: UMA INOVAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Cleiza Deccache Maia¹

Este artigo surgiu de minhas experiências pedagógicas como preceptora, compartilhadas com os alunos - e futuro professores - do Programa de Residência Pedagógica de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) nos anos de 2022 e 2023, realizadas no Colégio Estadual Cizínio Soares Pinto, situado na cidade de Niterói. Neste período, colocamos em prática diversas intervenções e projetos pedagógicos, atendendo as turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, e do 1º e 2º anos do Ensino Médio.

Tínhamos como princípio orientador de nossas ações, o compromisso com a aplicação da Lei 10.639/2003, nos comprometendo com o fortalecimento de uma educação antirracista e democrática. Após mais de 20 anos da criação da referida Lei, apesar dos avanços, ainda percebíamos algumas resistências à sua aplicação, além da triste constatação da existência de conflitos étnico-raciais no ambiente escolar. Estas questões definiram a urgência e a escolha por uma pedagogia de caráter decolonial, priorizando assim o combate ao racismo estrutural e institucional em nosso país.

De imediato, esta demanda nos impeliu a repensar o currículo, aquele que já encontramos pronto, dado. Como aponta Arroyo, o currículo sendo o núcleo e o espaço central mais estruturante da função da escola, é, por consequência, o território mais cercado, mais normatizado (Arroyo, 2011, p.13). Logo, ele apresenta uma tensão constitutiva, originada da disputa do que deve ser priorizado no ensino: os conhecimentos disciplinares, frequentemente conceituais e abstratos; ou uma concepção mais política, que incorpore os novos saberes, as culturas e o viver cotidiano dos alunos.

¹ Mestre em Memória Social pela UNIRIO; Lato Sensu em História do Brasil pela Faculdade Cândido Mendes; bacharelado e licenciatura em História pela UFF. Atua como professora da SME e SEEDUC. Email: cleizamaia@gmail.com

Compreendemos então, devido à ênfase na educação antirracista, que para distender essa tensão de fundo, deveríamos optar pela segunda via, ou seja, construir uma alternativa curricular e pedagógica a partir de temáticas e narrativas históricas afrocentradas, mais representativa do perfil étnico dos nossos alunos (as). Nosso objetivo era, em primeiro lugar, sensibilizá-los, e, conseqüentemente, torná-los seres conscientes, autônomos e potencialmente capazes de promover a transformação social. Afinal, como professores e futuros professores, tínhamos a certeza de que o ato de ensinar História implicava na escolha de um lugar de onde falar, de um lugar político e ético.

É importante ressaltar que, apesar de termos optado por readequar o currículo tradicional de História, preservamos alguns objetos de conhecimento vinculados à BNCC, sobretudo os que abordavam conceitos relacionados à expansão capitalista e ao imperialismo europeu no século XIX.

Buscamos então selecionar e reelaborar narrativas históricas afrocentradas que não fôssem simples relatos de eventos, mas que visibilizassem ações de resistências no contexto neocolonial, estimulando o aluno (a) a conhecer, identificar, refletir e, sobretudo, serem “afetados” pelo protagonismo de homens e mulheres africanos, engajados na luta anticolonial. Era importante como professores, o aprendizado da capacidade narrativa, no sentido de darmos existência ao passado.

A partir desses aspectos preliminares, selecionamos a narrativa épica africana sobre a resistência da rainha africana Yaa Asantewaa, protagonista da chamada “Guerra do Trono de Ouro” contra o imperialismo e neocolonialismo britânicos. Este conflito ocorreu entre o final do século XIX e início do século XX em Gana, país do continente africano. Durante as investidas britânicas, o governador Sir Frederick Hodgson cometeu um erro fatal, exigindo que o povo ganense lhe entregassem o Trono de Ouro, objeto sagrado e o mais importante símbolo da monarquia da etnia *ashanti*. O fato enfureceu a população e, sobretudo, sua guardiã e protetora Yaa Asantewaa, que passa a liderar a resistência contra os ingleses, reunindo um exército de mulheres guerreiras. Devido à desproporção no aparato de guerra entre os dois lados, Asantewaa acabou vencida e

exilada. No entanto, sua biografia é até hoje uma referência de luta e resistência contra o colonialismo europeu.

Nossa intenção ao trabalhar com essa rica narrativa histórica, protagonizada por uma guerreira africana de 60 anos, era abordá-la de forma lúdica e interativa, oferecendo aos alunos (as) uma nova experiência temporal. Por outro lado, essa perspectiva nos permitiu abarcar a temática da ancestralidade, confrontando-a com as concepções de tempo inerentes às sociedades ocidentais.

Subverter a ordenação das categorias temporais - passado, presente e futuro- no ensino de História, é uma tarefa que nos é posta quando lidamos com os currículos e materiais pedagógicos pré-elaborados. Apesar de muitos já se encontrarem atualizados em relação à historiografia contemporânea, ainda apresentam os eventos e as narrativas históricas em uma ordem sucessiva, contínua e linear.

Logo, ao planejarmos nossas ações pedagógicas, as concepções sobre o tempo devem ser objeto de reflexão antecipada. Nós professores, podemos redefinir a articulação das temporalidades ao apresentarmos determinadas narrativas históricas em sala. Não podemos passar a ideia de um tempo histórico único, mas sim convidar os alunos (as) a perceberem a existência de tempos históricos plurais, como são plurais as sociedades. Como afirma Reis (2009) “não se pode falar de um tempo histórico homogêneo, pois as sociedades são heterogêneas, não se pode falar de um tempo histórico linear, pois as mudanças, quando reduzidas ao número, não têm direção dada antecipadamente, e as sociedades relacionam-se diferentemente em cada época, ao seu próprio passado e ao seu futuro” (Reis, 2009, p. 87). A relação e a experiência das diversas sociedades com o tempo configura o que François Hartog denominou de regimes de historicidade.

O tema da ancestralidade ao ser trabalhado na escola possibilitou os alunos (as) tomar conhecimento de outra forma de experiência temporal, distinta daquela vivenciada por eles próprios, imersos em um presentismo dominante. De fato, tal constatação tem tornado a prática dos professores de História ainda mais desafiadora. A

temática da ancestralidade apresentada como fundamento da cultura africana, pode ser então um convite aos alunos (as) a trilharem por outros tempos e culturas.

Diferentemente do pensamento ocidental que enfatiza a razão e o individualismo, a ancestralidade é a expressão da herança coletiva, fundamentada na ideia de que a vida humana está ligada à vida dos antepassados, guardiões dos ensinamentos, exemplos, epistemologias e caminhos para as novas gerações construírem o futuro. Essa percepção de mundo, comum em muitas sociedades africanas, valoriza a conexão entre passado, presente e futuro, reconhecendo a importância de honrar e preservar a memória dos antepassados como forma de fortalecer a coesão e identidade cultural. A ancestralidade, na simbologia adinkra dos povos *ashanti* da guerreira Yaa Asantewa, está associada ao pássaro Sankofa, cuja importância representa à necessidade dos viventes em voltar ao passado, apreender os saberes ancestrais e caminhar para o futuro.

Para pensar a problemática da reordenação temporal no Ensino de História, nos baseamos nos questionamentos do historiador Durval Muniz, apontados no texto *“Regimes de Historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de História”*. Segundo o autor, o papel do professor deve ser o de “deslocador”, levando os alunos (as), durante a sua prática, à experimentarem outros tempos e culturas, retirando-os do presentismo no qual se encontram. Logo, a narrativa histórica seria uma heterocronia (Muniz *apud* Foucault, 2013), pois carrega a possibilidade de levar as pessoas a experimentarem outros tempos, fora do tempo presente. Se o professor de História assim proceder, sua aula não será enfadonha e morta, mas se transformará em “uma atividade bastante lúdica, um passeio por paisagens e tempos, cenários e cenas, personagens e pessoas que constituíram e habitaram outros tempos” (Durval, 2019, p.26). Em síntese, o aprendizado de ensinar história, não diz respeito ao acúmulo de conteúdos e apreensão de informações, sendo, acima de tudo “o aprendizado da habilidade em enredar, de formular um relato, com todos os elementos que o constituem e são indispensáveis para que façam efeito de conhecimento, de convencimento e de afecção; não descartando a erudição” (Durval, 2019, p. 31).



A partir dos aspectos até aqui levantados, atinentes aos conteúdos e conceitos selecionados para orientar nosso planejamento pedagógico, buscamos desenvolver nossa prática baseada em metodologias ativas, realizando uma oficina pedagógica gamificada, em formato de *scaperoom* ou “sala de fuga”. Para reelaborar a narrativa histórica de Yaa Asantewaa no formato de um “jogo”, utilizamos ferramentas e suportes tecnológicos disponíveis na *Sala Maker*, como, por exemplo, câmera fotográfica e Chromebooks para pesquisa dos alunos (as).

As metodologias ativas no Ensino de História: o *scaperoom* pedagógico

As metodologias ativas têm como objetivo tornar a escola um ambiente dinâmico, significativo e alinhado com a realidade dos estudantes. Tais metodologias adquirem para o ensino de História grande relevância, devido ao seu caráter inovador e criativo na interpretação de narrativas e análises de fontes históricas, além de propor uma visão crítica do tempo. Além disso, as metodologias ativas estimulam a participação dos alunos, ensejando que eles visualizem a História como processo dinâmico, em constante mudança e não como um conjunto de verdades absolutas.

Outro aspecto importante das metodologias ativas é o de incentivar à conexão de docentes e alunos (as) com os recursos digitais, essencial no mundo atual. Ocorre também um enriquecimento na relação ensino-aprendizagem, pois desenvolve habilidades descritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como pensamento crítico, empatia, aprendizagem colaborativa.

Para o ensino de História especificamente, a adoção dessas técnicas facilita aos alunos (as) a interpretação dos eventos históricos por meio de vivências diretas, aumentando o seu envolvimento no processo educacional. Em síntese, elas potencializam a aprendizagem e reforçam a função social da educação na formação de pessoas conscientes de seu papel na sociedade, representando uma alternativa pedagógica mais alinhada às necessidades da educação contemporânea.

Uma boa alternativa no repertório das metodologias ativas para o ensino de História é a possibilidade de criar desafios investigativos inspirados em *escaperooms*, ou “sala de fuga”. Trata-se de uma estratégia educacional associada às técnicas de gamificação, ou seja, jogos diversificados criados em ambientes de aprendizado, visando aumentar o envolvimento e o interesse dos alunos. No campo da História, as salas de fuga, tem o potencial de transformar temas que podem parecer desinteressantes e enfadonhos, em experiências imersivas, interativas e cativantes, levando os estudantes a se conectarem com os temas históricos de uma forma lúdica e reflexiva.

Como já mencionado, escolhemos readaptar a narrativa histórica de Yaa Asantewaa em uma sala de *scaperoom*. No entanto, o assunto sobre o contexto da Guerra do Trono de Ouro foi discutido anteriormente em sala, como tínhamos planejado ao incluir a História e a Cultura da África em nosso currículo alternativo, afrocentrado e antirracista. A sala de fuga foi criada como culminância para a Semana da Consciência Negra, momento no qual, conjuntamente à narrativa em questão, reforçamos conceitos, habilidades e competências acerca do tema.

Nossa sala de *Scaperoom*: objetivo e organização

As metodologias ativas, como recursos pedagógicos de engajamento dos alunos (as) nos pareceram acertadas. Depois de muitos encontros entre nós e os alunos (as), organizamos em parceria, a nossa sala *scaperoom*. Nela, criamos um circuito a partir do qual idealizamos a integração entre às temáticas afrocentradas abordadas durante o ano para o formato de jogo, de enigmas. Aspectos da cultura africana da etnia *ashanti* - como a filosofia e linguagem simbólica adinkra-, serviram para sensibilizar os alunos (as) a perceberem a existência de uma diferente forma de experiência temporal.

As salas de fuga, como salas imersivas, apresentam formatos diversificados de jogos, como, por exemplo, as salas virtuais, salas virtuais *online*, salas presenciais e as de formato híbrido. Escolhemos o fomato híbrido - presencial e virtual - para dar mais dinamismo ao jogo. Utilizamos como recurso audiovisual uma gravação em vídeo

elaborada na *Sala Maker* da escola, que contou com a participação de vários alunos e residentes de História da UFF. Coube às alunas Amanda e Ana Beatriz, do 9º ano, representarem a guerreira Yaa Asantewaa, caracterizadas com adereços confeccionados para a ocasião. Não houve de nossa parte, a intenção de reproduzir a idumentária real da guerreira *ashanti*, mas sim dar-lhe um ar de soberania e poder, recorrendo a aspectos estéticos das culturas africanas (imagens 1 e 2).

Imagem 1



Imagem 2

O circuito da sala foi organizado em cinco etapas: na primeira, os jogadores assistiam ao vídeo e, nas outras etapas, decifravam os enigmas. Os grupos contavam no máximo com quatro participantes. Ao entrarem na sala, na primeira parada, os jogadores ouviam a narração em vídeo na qual Asantewaa “relatava” o motivo da guerra do seu povo contra os ingleses e, depois, convidava-os a decifrarem os enigmas.

“Sou Yaa Asantewaa, uma rainha africana. Nasci em 1840 e morri em 1921, exilada em uma ilha. Tive a tristeza de ver minha terra ser conquistada, saqueada e colonizada por um país europeu. Muitos países se apoderaram e exploraram o continente africano no período em que vivi. Mas, esse novo colonialismo, encontrou muita resistência. Eu conclamei as guerreiras de meu povo a lutarem contra os invasores, pois um de seus líderes ousou sentar-se em nosso mais sagrado objeto. Nós, mulheres guerreiras, não nos curvamos e resistimos. Liderei várias guerras de sucesso contra o invasor. Durante as guerras, nosso objeto sagrado sumiu. Precisamos voltar ao passado e trazê-lo de volta para nosso povo. Ele faz parte de nossa memória ancestral e muito importante para as futuras gerações. Preciso da ajuda de vocês. Decifrem os cinco enigmas que estão na sala, encontrem o objeto sagrado e devolva-o a mim. Só assim vocês conseguirão sair daqui!”

O último desafio proposto pela rainha africana era resgatar o Trono de Ouro escondido na sala, e devolvê-lo para ela, presente no local. Só após a realização dessas etapas, os jogadores conquistariam a “liberdade” e estariam aptos a saírem da sala. Os enigmas foram elaborados em materiais concretos e estavam todos associados aos conteúdos, conceitos e contextos trabalhados anteriormente (imagem 3).



Imagem 3

Além disso, junto à narrativa histórica da guerreira Asantewaa, o tema da ancestralidade foi destacado ao ser apresentado às turmas através da linguagem filosófica adinkra, e seus ensinamentos éticos. Desta simbologia, destacamos o Sankofa, como recurso para fortalecer a noção de historicidade e ancestralidade, pois significa a necessidade de voltar ao passado e aprender com a sabedoria ancestral e, assim, preparar o futuro.

Ao reelaborarmos a narrativa sobre a “Guerra do Trono de Ouro”, não nos preocupamos em reafirmar uma “verdade histórica”. Nosso compromisso foi o de levar os alunos a vivenciarem “sentidos do passado”, unindo ludicidade e didática, a fim de promover uma aproximação prazerosa entre o educando e o conhecimento histórico não eurocêntrico sobre a África.

No entanto, a narrativa em questão funcionou não só como uma viagem ao passado da guerreira Yaa Asantewaa a partir do tempo presente. A reencenação da devolução do objeto roubado pelos ingleses como estratégia de fuga da sala e a consequente conquista da “liberdade” idealizada no jogo, conferiu à narrativa um sentido de futuro, uma “história por fazer”. De certa forma, ao repensar um desfecho

positivo para a narrativa histórica do povo *ashanti*, ela assumiu um significado ucrônico, ou seja, uma forma de ficção especulativa que busca imaginar como seria o mundo se certos eventos históricos tivessem ocorrido de maneira diferente. Assim, a ucrônica, como forma narrativa muito utilizada em salas de *scaperoom*, nos permite explorar cenários hipotéticos, problematizando as narrativas históricas dominantes ao considerar diferentes abordagens. A perspectiva ucrônica também permite apontar que a história não é fixa e imutável, mas uma construção humana sujeita a muitas interpretações e revisões.

Nesse sentido, houve de nossa parte a intencionalidade de dar um novo destino a história sensível do povo *ashanti*, como possibilidade, mesmo que de forma ficcional, de “redenção histórica”, redimindo coletivamente outros tantos povos oprimidos, violentados e escravizados pelo imperialismo e colonialismo europeus.

Com o passado do povo *ashanti* narrado, desenterrado e presentificado e com uma história ainda por fazer, abriu-se a perspectiva de formação de novas inteligibilidades e um campo de possibilidades de realizações futuras.

Dessa maneira, tratar a narrativa de forma heterocrônica e ucrônica, nos permitiu conferir uma nova dinâmica temporal ao ensino de História e também fundamentá-la na perspectiva de que pequenas mudanças no passado podem ter grandes consequências no presente e no futuro.

Algumas considerações

A forma ucrônica aplicada à narrativa de Asantewaa, ao dar-lhe um final não traumático, dialoga com o **afrofuturismo**. Como **movimento cultural do povo negro na contemporaneidade**, o afrofuturismo caracteriza-se pela ficção científica, ancestralidade e fantasia, se configurando, atualmente, como um guia de futuro e empoderamento da população negra na luta antirracista. Ou seja, ao entrar em contato com narrativas que envolvem o protagonismo negro, o indivíduo consegue questionar o

mundo em que vive e imaginar uma sociedade onde as pessoas não sofram discriminação e não sejam divididas de acordo com sua raça ou origem étnica.

O retorno do passado de Yaa Asantewaa, conclamando, no tempo presente, os alunos a recuperarem o Trono de Ouro, apresentou um importante e potente significado, deixando uma mensagem positiva de futuro para o povo negro.

Paul Ricoeur afirma ser necessário “reabrir o passado, nele reviver potencialidades não realizadas, contrárias ou até massacradas” (Ricoeur, 1997, p.372) no sentido de desenvolver nas pessoas habilidades para saber lidar com as complexas questões do tempo presente. As demandas de nosso país, no combate ao racismo estrutural e estereótipos relacionados à História da África e a Cultura Afro-Brasileira, justificaram nossas escolhas político-pedagógicas no Programa de Residência Pedagógica.

Ao reelaborarmos temáticas históricas afrocentradas, visando construir uma pedagogia inovadora para o ensino de História, nossa maior intenção foi tornar o futuro dos alunos afrodescendentes menos utópico, suscitando neles o compromisso de transformar a realidade brasileira tão desigual. Esperamos que a narrativa de resistência de Yaa Asantewaa tenha cumprido essa tarefa.

Referências

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Regimes de Historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de história. In: Carmem Teresa Gabriel; Ana Maria Monteiro; Marcus Leonardo Bonfim Martins. (Org.). **Narrativas do Rio de Janeiro: nas aulas de história**. 1ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016, v. 1, p. 21-42.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico, as heterotropias**. São Paulo: Edições n-1, 2013.

HARTOG, François. **Regimes of historicity: presentism and experiences of time**. New York: Columbia U. Press, 2011.



KOSELLECK, Reinhardt. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro. Ed. Contraponto, 2006.

REIS, J. C. **História, a Ciência dos Homens no Tempo**. 2ª. Ed. Londrina: Eduel, 2009.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas (SP), v. 3, 1997.

Sites

<https://revistatopicos.com.br/artigos/metodologias-ativas-no-ensino-de-historia>

<https://www.soescola.com/glossario/ucronico-o-que-e-significado>